

O Futebol como distintivo de classe: O caso de Vitor Serpa em Belo Horizonte e outras indagações

Dr. Roberto Camargo Malcher Kanitz¹

Doutor em Estudos do Lazer (UFMG)
Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais
Bolsista Programa de Capacitação de Recurso Humanos – PCRH-MG

Correspondência para: roberto.kanitz@hotmail.com

Submetido em 27 de abril 2018.

Primeira decisão editorial em 13 de junho de 2018.

Aceito em 14 de setembro de 2018

Resumo: O presente artigo pretende problematizar a construção mítica do jovem Vitor Serpa, que seria o introdutor do futebol na recém criada capital de Minas Gerais – Belo Horizonte, no início do século XX. Esta história confunde-se com a de dois outros mitos de Charles Miller, em São Paulo; e Oscar Cox, no Rio de Janeiro. No entanto, no mesmo período, Minas Gerais observava o fenômeno de surgimento de clubes operários de futebol. Dessa forma, com base nos dados coletados, questiona-se o protagonismo dos jovens advindos da burguesia brasileira na gênese do esporte bretão. Para construir essa trama foram utilizados outros artigos sob a temática e periódicos do período estudado.

Palavras chave: Futebol, Vitor Serpa, clubes operários

abstract: The present article intends to problematize the mythical construction of the young Vitor Serpa, who would be the introducer of soccer in the newly created capital of Minas Gerais - Belo Horizonte, at the beginning of the 20th century. This history is confused with that of two other myths of Charles Miller, in São Paulo; and Oscar Cox, in Rio de Janeiro. However, in the same period, Minas Gerais observed the phenomenon of the emergence of football clubs. Thus, based on the collected data, the protagonism of the young coming from the Brazilian bourgeoisie in the genesis of the sport Breton is questioned. To construct this plot we used other articles under the theme and periodicals of the period studied.

Key words: Football, Vitor Serpa, workers' clubs

Introdução

O futebol, nos tempos modernos, possui um rico campo de investigação científica. Poucos divertimentos ou espetáculos artísticos comparam-se ao esporte bretão no Brasil, e poderíamos dizer, em muitos outros lugares no mundo. Como prática corporal, está tão presente no cotidiano do brasileiro que, de tão falado, tão visto, tão vivenciado (seja como praticante ou como espectador), corremos até o risco de naturalizá-lo, podendo assim nos tornar incapazes de estranhá-lo ou de nos deixar surpreender pelo seu encantamento ímpar. Desta forma, acredito que o objetivo do historiador é apreender a essência, ou seja, a estrutura e a dinâmica do objeto. Netto (2011, p.22), nos orienta:

[...] O método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando sua síntese, o pesquisador reproduz no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador reproduz no plano ideal, a essência do objeto que investigou.

Sendo assim, a distinção entre essência e aparência apresenta-se como fundamental para os estudos do objeto aqui proposto. A interpretação, tão necessária à historiografia, deve estar rigorosamente aliançada com as fontes e seus limites, entendendo sempre que a tarefa, por ser humana, está fatalmente inclinada ao erro, a análise tendenciosa e aos conceitos e preconceitos do historiador.

Frente a isto, posso arriscar dizer que as histórias do futebol no Brasil e em Minas Gerais estão carregadas de mitos e narrativas interessadas, pois são realizadas, em sua maioria, por sujeitos afastados do método científico e dialético. Todavia, cabe a nós, pesquisadores da academia, checarmos as fontes, desvelarmos novos arquivos, desconfiando do que está posto como senso comum. Quanto a isso, Santos; Drumond (2012, p.31), também nos aponta:

[...] Até o final dos anos de 1970, as histórias do futebol brasileiro eram basicamente escritas fora da academia, principalmente por jornalistas e ex-atletas. Após este período, o tema começou a interessar as ciências sócias e humanas. Primeiramente, atraindo a atenção de sociólogos e antropólogos e, posteriormente, de historiadores.

Não estou inferindo que o trabalho historiográfico é superior, ou mais nobre que o ofício dos memorialistas, jornalistas e outros apaixonados pelo futebol. Apenas afirmo que ambos possuem natureza diferenciada, e metodologias distintas. Os grandes livros dos clubes são peças caríssimas a qualquer historiador do esporte. Por vezes, observamos um empenho e um cuidado na catalogação de fontes admiráveis.

Neste artigo problematizarei alguns aspectos importantes do surgimento do futebol na Inglaterra e no Brasil, em articulação com o processo de criação dos mitos interessados dos fundadores do nosso futebol, tais como: Charles Miller, Oscar Cox e, especialmente Vítor Serpa, em contraponto ao fenômeno de surgimento e desenvolvimento dos clubes operários em Minas Gerais.

A pesquisa concentrou-se nos documentos guardados na Hemeroteca Estadual Luiz de Bessa, nas imagens acessadas no Museu Abílio Barreto; todos localizados na cidade de Belo Horizonte. Digitalmente foram consultados os arquivos digitais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e os periódicos da Coleção Linhares.

O período histórico marcado irá do final do séc. XIX até a primeira década do séc. XX, antes da profissionalização do futebol no Brasil, nos apoiando em historiografias já consagradas e artigos que encontramos em nossa pesquisa do estado da arte para construção da minha tese de doutorado.

Lazer e o futebol no velho continente

A consequência da revolução burguesa, e seu desdobramento singular – a revolução industrial, iniciada na segunda metade do séc. XVIII, ocasionou também uma reorganização das práticas de lazer entre os europeus, especialmente entre os ingleses. Esta sociedade, como o restante do Continente, já possuía práticas de divertimento antigas, muito arraigadas na sua cultura. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, essas manifestações foram se transformando, acompanhando os novos ventos da modernidade recém instaurada. A respeito deste período de transição, Melo (2009, p.34), nos explica:

Em linhas gerais, os primeiros esportes eram marcados pela presença e pelo uso de animais, principalmente do cavalo, o que estabelecia na cidade um elo com a tradição do campo, conectava a nova prática com os antigos sentidos e significados e “poupava” os homens de maiores exibições corporais em um momento em que os desdobramentos das ocorrências da modernidade ainda eram embrionários. O turfe é o grande exemplo desse momento.

Nesse sentido, a Inglaterra será um dos primeiros países que irá organizar os tempos do trabalho, e por consequência, reorganizar as novas formas de como os divertimentos deveriam ser vivenciados. Termos como utilidade, métrica, uniformidade começam a ser implementados, na tentativa de construir uma nova ordem social no continente europeu. (SOARES, 2001)

Entre as estratégias de legitimidade da revolução burguesa, além das escolas públicas, estavam as práticas esportivas e todo o conjunto de desdobramentos ocorridos em virtude do seu desenvolvimento, bem como a formação e o fomento dos clubes esportivos. O *English Jockey Club* remonta a meados do século XVII. Acompanhando esse movimento, os clubes de críquete ingleses e os clubes de golfe escoceses apareceram mais ou menos no mesmo período. (BURKE, 2002)

Qualquer que fosse o objetivo dos clubes, a instituição assumia mais ou menos a mesma característica: havia uma solenidade de fundação em espaço socialmente referenciado, e estabelecia-se reuniões regulares, geralmente em uma taverna, já que beber junto era um meio importante de manter a solidariedade ou fraternidade entre os sócios; entre outros sentidos e significados. Eram as novas sociabilidades que foram surgindo a partir de uma nova conformação social.

Em diversos livros de memorialistas, revistas, jornais, e outras obras literárias podemos encontrar a tão propagada história dos jogos com bola em diversos países. Mas o futebol, uma das expressões maiores do esporte moderno, possui a sua construção de forma diferenciada. Desta forma, Vigarello (2001, p.233) nos esclarece melhor este importante ponto:

Mas a novidade dos termos “sports” e “sportman”, por volta de 1840, a instituição de clubes em França, o investimento dos proprietários impõem essas práticas para além da moda. A sua novidade é tanto mais importante quanto as corridas que existiam já em França. Não é o princípio que é novo. As corridas de cavalos tem lugar desde 1777, duas vezes por ano, a 15 de abril e a 4 de outubro, organizadas na planície de Sablons, na presença da corte. A mudança está no seu número 10 provas em 1822, mais de 20 em 1830. Mais ainda, surge toda uma cultura, comentários que acompanham as corridas, uma reorganização que as rege.

Portanto, não estou falando de novas práticas, mas de reorganizações absolutamente diferenciadas, e o caso do futebol é um clássico exemplo disto. Sempre existiram jogos com bola na Inglaterra. Porém, em um dado momento, por força desses reordenamentos sociais, houve uma necessidade de padronizá-lo, criar regras comuns, universais, racionais, para este esporte, acompanhando os novos ordenamentos liberais e positivistas. O futebol, quando surgiu, tinha a função no espírito de seus promotores, de manter os rapazes das escolas públicas inglesas nos espaços de recreio do seu estabelecimento de ensino, impedindo-os de vadiar na rua e nos terrenos vagos das imediações.

Por outro lado, na primeira metade do século XIX, surgiu também um vácuo no lazer da população inglesa com o abandono dos antigos esportes praticados nas aldeias. Como exemplo destas práticas, podemos citar: adestramento de cães para atacar ursos, briga de

galos, entre outros. Com a necessidade de que as pessoas se deslocassem, com cada vez mais intensidade, para o ambiente urbano; foi sendo construída uma aproximação cada vez maior com novas práticas corporais para os seus poucos momentos de lazer. O futebol moderno, provavelmente, ocupou este espaço de lazer nesta nova sociedade que estava sendo arquitetada, como também transformou-se num dos principais símbolos de uma nova sociedade urbana e industrial. De acordo com Giulianotti (2002, p.19):

Quando o futebol expandiu-se, durante o século XIX, aconteceram batalhas hegemônicas dispersas de classe e regionais. O principal conflito ocorreu dentro das classes médias, divididas por região e sobre a questão do profissionalismo. No sul, o caráter amador da FA e o elitismo geral predominaram, simbolizados pelo Corinthians Football Club que se negou a acreditar que cavalheiros cometessem faltas e assim recusaram os pênaltis (Mason, 1989a, p.147). No norte e na região central da Inglaterra, as classes médias profissionais, os industriais e a pequena burguesia controlavam a maioria dos clubes bem-sucedidos. Aqui, e na Escócia industrial, o poder do capital prevaleceu.

Destarte, não bastava mais apenas que homens e mulheres dançassem para agradecer a uma boa colheita, ou por um matrimônio; já não era mais suficiente que as crianças apenas brincassem para dialogar com o mundo adulto, ou que os guerreiros das tribos praticassem a luta pessoal para os momentos de guerra ou conflito contra uma tribo inimiga. Após a revolução burguesa, começam a surgir e se desenvolver, em diversos locais da Europa, sistematizações de práticas corporais, antes apenas culturalmente realizadas.

Segundo Pereira (1998), Ainda que no Brasil fossem poucos os que conhecessem o futebol, já se apresentava como um evento mundial, praticado na Inglaterra e em outros países desde meados do século XIX. E ainda, foi em 1863, que houve a definição de um modelo de jogo similar ao futebol que conhecemos hoje. Neste ano representantes de vários times de Londres se reuniram para fundar a *Foot-ball Association*, federação de clubes destinados a esta modalidade que começaria a uniformizar seus procedimentos e suas regras.

Os esportes e o futebol já eram considerados conteúdo hegemônico nos países europeus, no final do século XIX. Em consequência disto, as nações periféricas, exploradas pelo capital britânico e seus cúmplices do velho continente, também iriam começar a fomentar as práticas esportivas como forma de educação para uma população que deveria ser moldada nas fôrmas do capitalismo e de uma modernidade pretendida. O Brasil e Minas Gerais não estavam imunes a estes movimentos.

O futebol como distintivo de classe

Seguindo o modelo Europeu e acompanhando os movimentos iniciais do Rio de Janeiro e de São Paulo, sabe-se que, no início do século XX, em Minas Gerais, foram sendo criados clubes de futebol. Em consequência do surgimento das agremiações esportivas, estabeleceram-se ligas, campeonatos, jogos amistosos, ou *matches*, como se dizia na época, entre outras ações de fomento do novo esporte. Isto não acontecia desconectado do velho continente.

Esses estranhos e inusitados movimentos causavam curiosidade e estranhamento aos habitantes da Capital da República Velha, assim como dos moradores da nova capital mineira. Segundo Sevcenko (1994, p.32):

[...] Essas práticas podiam ter o sentido do Lazer e entretenimento, como a caça (*game*) para as classes armadas, ou as brincadeiras de roda para os grupos populares. Mas seu caráter essencial mantinha sempre um sentido ritual, com conotações estamentais, cerimoniais e confirmatórias de papéis e simbolizações sociais. A invenção dos esportes em fins do séc. XIX, embora tenha se alimentado desta tradição, deu origem a coisa completamente diversa.

Entretanto, mesmo percebendo que as histórias contadas até hoje dos primeiros movimentos do esporte Bretão no Brasil estarem aparentemente alinhados com as elites brasileiras de uma forma geral, as décadas iniciais do século XX revelam a gênese de um outro complexo processo de criação e desenvolvimento de clubes, principalmente no interior do Estado, ligados a classe operária.

Além do já estudado *Bangu Athletic Club* e alguns poucos clubes, analisados isoladamente, não há notícia da percepção desse fenômeno, que provavelmente não aconteceu apenas em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Entretanto, aposto na ideia que não havia realmente interesse daqueles envolvidos com a temática (imprensa, aristocratas, entre outros) e os atuais memorialistas, em associar a origem do futebol com a classe operária e os populares.

Na Inglaterra, ao final do séc. XIX, o futebol foi desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular. Entretanto, foi rapidamente proletarizado e, portanto, profissionalizado, observado assim o grande fascínio que a prática esportiva exercia sobre a classe operária. (Hobsbawm; Ranger, 2015)

Sendo assim, a estratégia de criação de clubes de origem operária ocorreu, no Brasil, na contrapartida do desejo das elites de apresentar o futebol como distintivo de classe. A burguesia foi perdendo um dos seus signos de distinção de classe, mas ganhou através da

propaganda que era feita pelos times das fábricas. E esse esforço do capital dar-se-ia de forma progressiva e sustentada. De acordo com Antunes (1994, p.106), a respeito dos clubes operários:

[...] no início, o incentivo aos clubes restringia-se ao auxílio financeiro para compra de equipamento esportivo, pagamento de aluguel do campo de futebol e outras despesas. Mas, depois, a concorrência entre outros clubes envolvidos na disputa de campeonatos levou a direção de muitas fábricas a montar equipes mais competitivas, [...] afinal, contando com bons elementos, a equipe poderia obter melhores resultados, o que aumentaria seu prestígio e fama. Para os industriais, como o clube ostentava o nome da fábrica, abria-se um novo caminho para a divulgação e venda de seus produtos. [...] oferecia-se remuneração especial aos operários-jogadores sob forma de pequenos presentes e serviços, gratificações e inclusive, um segundo salário.

Desta maneira, para pesquisar questões referentes ao futebol e ao lazer, tornar-se-á necessário que se enfrente as contradições e múltiplas influências deste fenômeno nesta sociedade pretensamente moderna. Porém, para dar conta dessa enorme tarefa, é preciso observar certos aspectos para produzir entendimento a respeito de algumas de suas características fundamentais, principalmente o que se refere a sua gênese.

Mesmo acontecendo inicialmente no velho continente, estes signos esportivos foram, aos poucos, se tornando fonte de inspiração para uma juventude aristocrática brasileira. Junto com outros jovens do continente americano, esses jovens da elite brasileira buscavam uma formação intelectual longe de casa.

Após os estudos na Europa, no retorno a terra de origem, as malas de viagens não voltavam apenas com bolas e outros acessórios para a prática do esporte Bretão, mas com todo um complexo de valores identificados como modernos, e que deveriam ser difundidos rapidamente nas suas sociedades de origem. Este movimento acontecia provavelmente para ajudar na busca incessante pela modernização destes centros brasileiros atrasados, distantes das modernas e prósperas cidades inglesas. Ainda segundo Vigarello (2001, p.267):

O futebol começa por se desenvolver nos portos onde certos entrepostos são propriedade de companhia marítimas britânicas. É o caso de Havre (1872), do Porto (1885). Na Suíça, na Bélgica, são jovens ingleses que vem estudar para o continente que estão na origem dos clubes. [...] Inversamente, sucede que alguns continentais, tendo descoberto o novo desporto aquando de uma estadia no Reino Unido, decidem, no regresso, implantá-lo no seu país.

Esta hipótese não sustenta apenas a construção dos mitos de Charles Miller, em São Paulo, e de Oscar Cox, no Rio de Janeiro; mas também, do menos famoso Victor Serpa, em Belo Horizonte.

Os mitos interessados

No Brasil, diversos historiadores e memorialistas do futebol, tais como: MASSARANI, Luisa; ABRUCIO, Marcos, 2014; MILLS, John, 2005; SANTOS NETO, José Moraes, 2002; GAMBETA, Wilson (org.), 2014; apresentaram os primeiros indícios deste esporte sob diversas narrativas interessadas. Um exemplo disto são os mitos fundadores do futebol no Brasil. Estas histórias são construídas a partir do clássico modelo, surpreendentemente similar, do jovem representante da aristocracia local (paulista e carioca), que depois de seu respectivo retornos do velho continente, irá trazer a prática inglesa para as terras brasileiras, e difundi-la na sua cidade. Como um profeta, anuncia uma nova era esportiva, convida pessoas do seu círculo social e inaugura a nobre prática, para surpresa e orgulho da população local. Este modelo possibilitou que várias culturas e nações construíssem formas de criar e/ou afirmar a sua identidade cultural por intermédio da prática de jogo, como afirma Giulianotti (2002, p.48):

(...) de maneira mais específica, as características valorizadas no jogo nos dizem algo fundamental sobre as culturas em que ele é praticado. (...) sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosóficas e identidades culturais de muitos e muitos povos.

Destaco que o futebol no Brasil, à época, era visto como uma refinada prática corporal, e que em seu desenvolvimento e prática estava em consonância com os traços da boa educação britânica. O esporte bretão encontrava-se associado com o que havia de mais moderno, e deveria fazer parte do arcabouço de gestos, comentários e manifestações próprias de pessoas educadas e elegantes. Não eram mais valorizadas as velhas práticas com animais, tais como: touradas, rinhas de galo, entre outras. A platéia deveria participar educadamente dos *matches*, e torcer, primeiramente, pelo desenvolvimento do esporte. De acordo com Pereira (1998, p.11):

Quando em 1897, retornando ao Brasil após alguns anos de estudos na Suíça, o jovem Oscar Cox resolveu trazer em sua bagagem uma bola, como aquelas que ele e seus colegas usavam para praticar o *foot-ball*, não podia ainda saber qual o papel destacado que o futuro iria lhe reservar. Morando em um país que reunia grande número de estudantes de várias localidades, Cox era apenas mais um entre os muitos jovens influenciados pela rápida difusão do chamado “esporte bretão”.

Sendo assim, podemos inferir que as sociedades aristocráticas das principais capitais brasileiras, no final do séc. XIX e início do séc. XX, procurou construir um mito a respeito do futebol no Brasil. Acompanhando as conclusões de Miguel (1998, p.03):

O discurso político, embora se utilize do passado e o redesenhe permanentemente, projeta-se com muito mais frequência em direção ao futuro. Mesmo quando fala sobre o passado, para resgatar uma tradição ou reverenciar a memória de um grande homem, está de olhos voltados para o porvir. A tradição é invocada na esperança de sua continuidade (ou daquilo que se apresenta como sendo sua continuidade), a evocação do grande homem é um argumento de autoridade em favor dessa ou daquela proposta.

A construção de um discurso político sempre expõe uma intenção de representação, algo que se queira disputar. Ao propor a alteração ou a permanência de práticas e instituições sociais, ele tenta projetar uma imagem da sociedade que quer que seja vista. A reflexão sobre o passado e o presente é necessária, mas na medida em que crie um sentido apropriado a justificar essa projeção. Ou seja, deseja-se inventar uma tradição. Segundo Hobsbawm; Ranger (2015, p.08):

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Desta maneira, em um país em que as classes aristocráticas julgavam a população como atrasada, rudimentar, precária – principalmente se comparado aos países europeus – o futebol e os esportes, de uma forma geral, poderiam contribuir para o melhor ajustamento da sociedade e para um eficiente controle dos corpos. O objetivo era tornar o Brasil um país moderno, com boa parte dos ícones que compõem essa avaliação utópica da época. Uma tradição aristocrática do futebol nas terras brasileiras precisasse ser criada ou inventada.

Em São Paulo, o jovem de nome Charles Miller, nascido no dia 13 de junho de 1867, no bairro do Brás, seria o primeiro profeta do esporte bretão no Brasil. Ele era filho de escoceses. Seu pai havia se mudado para São Paulo, pois fazia parte da equipe de gestores da empresa do Reino Unido, a *São Paulo Railway*. Mills (2005, p. 16), nos ajuda a entender a construção deste primeiro mito futebolístico:

Foi Charles Miller quem organizou as primeiras partidas e integrou a primeira diretoria da Liga Paulista de Football e do Tênis. Além disso, sagrou-se artilheiro e tricampeão pelo São Paulo Athletic Club, participou da primeira partida internacional contra a Argentina, apitou vários jogos por vários anos, após sua retirada dos campos de jogo, e ainda atuou como conselheiro das ligas paulistas.

No Rio de Janeiro, recaí sobre Oscar Alfredo Cox, nascido em 20 de janeiro de 1880, também filho de um cidadão inglês (nascido em Guayaquil - Equador, onde seu pai fora vice-cônsul da Inglaterra), a responsabilidade de ter divulgado a arte do esporte bretão nas terras

cariocas. Entre outros feitos, foi um dos fundadores do glorioso Fluminense Football Club, do Rio Cricket e Associação Atlética, além de ter sido também primeiro presidente do clube de futebol, no ano de sua fundação, em 1902¹.

Acompanhando os ventos da modernidade, a capital recém criada de Minas Gerais - Belo Horizonte, não se afastou da mítica nacional. O futebol também tentou representar um dos símbolos de uma modernidade desejada por grande parte da sociedade brasileira e republicana, e também um distintivo de classe. Estas atividades esportivas eram amplamente cobertas e apoiadas pela imprensa local. Estavam sendo construídos conjuntos de interpretações, de experiências individuais e coletivas, disputas hegemônicas que, como diziam um grande pensador, devem ser “escovadas a contrapelo” (Benjamin, 1985). Desta maneira, Cunha (2011, p. 22) nos mostra um pouco da atmosfera da nova capital mineira, no início do século XX:

Nas primeiras décadas do século XX, a “jovem” Belo Horizonte passava por um processo de construção social e cultural pautado na ruptura com uma sociedade tradicional e rural, transformando-se em uma cidade moderna, culta e civilizada. Seus habitantes, provindos em sua maioria de outras cidades de Minas Gerais, precisavam vencer a resistência dos antigos hábitos interioranos e instaurar novas maneiras de estar naquele lugar, em acordo com os princípios modernos e republicanos. No ano de sua inauguração, 1897, Belo Horizonte já contava com 12.000 habitantes, em sua maioria trabalhadores rurais e operários, que ocupavam os espaços fora dos contornos determinados para ser o centro e o coração da cidade moderna. Este era ocupado pela elite e pelo funcionalismo público. Até a década de 1930, o número de habitantes cresceu para aproximadamente 117.000. Entre praças e parques públicos, cafés, alguns poucos cinemas e teatros, a crescente sociedade belorizontina de início do século XX ainda vivia o tenso processo de reconhecer e se reconhecer nos tempos e lugares da cidade.

A imprensa mineira, antes da década de 1930, poucas vezes representou a classe trabalhadora, e seu discurso sistematicamente apontou, obviamente, para a história dos vitoriosos. Entretanto, operamos com fortes indícios que a presença de populares no futebol não era bem-vinda, e, portanto, silenciada. Desta forma, de acordo com os autores que se debruçaram sobre a história do futebol na nova capital mineira, Belo Horizonte também possuiu o seu mito aristocrático.

O jovem Victor Serpa

O menos conhecido Victor Serpa foi um jovem carioca que, após estudar na Suíça, mudou-se para a capital com o objetivo de estudar na antiga Faculdade Livre de Direito,

1

Disponível em: <http://www.fluminense.com.br> – Acesso em: 23/01/2017

criada em 1892, em Ouro Preto. Alguns anos mais tarde, a instituição de ensino foi transferida para Belo Horizonte. Ele chegou de mudança na nova capital mineira e, como estudante, na instituição de ensino superior no ano de 1903. A implementação do futebol, vista desta forma elitizada e representada por um jovem da aristocracia, seria consolidada a partir da fundação do primeiro clube que se tem registro em Minas Gerais, o *Sport Club Foot-Ball*, no ano de 1904.

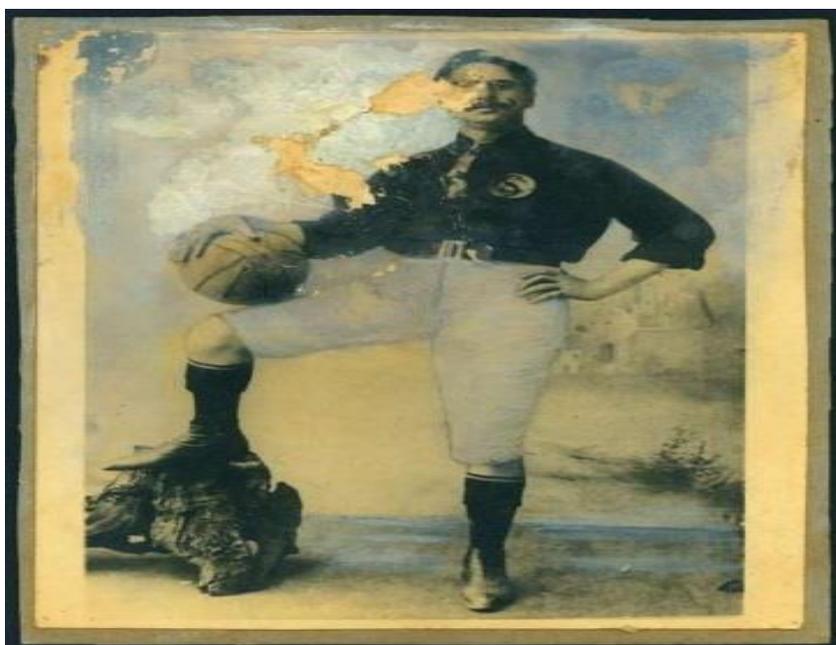


Figura SEQ "Figura" * ARABIC 1: José Gonçalves. Fundador do Sport Club Football

No museu histórico Abilio Barreto, a imagem acima possui os seguintes dizeres:

José Gonçalves, um dos fundadores do Sport Club Football, trajando o uniforme da primeira entidade futebolística em Belo Horizonte, em 1904. Ostenta no peito o distintivo e segura a primeira bola que entrou na capital, mandada vir por ele de São Paulo, junto com as demais peças do equipamento.

A imprensa local cobriu de forma animada, ao longo dos poucos anos de vida de Victor Serpa, os jogos promovidos por ele e seu grupo de companheiros de esporte na Capital mineira. Observemos o que Mayor; Neto (2014, p. 58) nos contam a respeito desse jovem carioca:

Inegavelmente, entendemos que Serpa participa de dois momentos distintos nos movimentos iniciais do futebol na cidade: primeiro, ao representar a figura que incentiva e promove o desenvolvimento do gosto esportivo (destacadamente o futebol), configurando uma primeira organização da prática, com a fundação de clubes e ocorrência de campeonatos. Num segundo instante, com a sua morte, o jovem Serpa (ou a sua ausência), contribui para o “esfriamento do gosto”, com a extinção das outrora entidades clubísticas e, conseqüentemente, do enfraquecimento da dinâmica que avivava o futebol.

A trágica morte de Serpa, em 19 de janeiro de 1905, em decorrência de uma gripe, no Rio de Janeiro, trariam anos de luto e de silêncio futebolístico nos jornais mineiros. A impressão que se tem analisando os periódicos da época é que a imprensa desanimou da novidade.

Após o falecimento do jovem carioca, fundador oficial do futebol em Minas Gerais, houve um grande período de luto, e as notícias do esporte Bretão, nos periódicos da nova capital, ficam raras. Entretanto, devemos questionar toda essa narrativa. Santos; Drumond (2012, p. 30) nos ajudam a pensar a respeito dessas figuras míticas:

Seria importante buscar os motivos da devoção ao futebol de Oscar Cox e Charles Miller “na tentativa de compreender o movimento que alimentou a consolidação do país?” Estariam esses “jovens *sportmen*” realizando alguma operação? Seria realmente o futebol um jogo “fidalgo” ou estariam as camadas populares presentes em sua prática desde suas chegadas ao país?

Entendendo que as histórias contadas podem e devem ser questionadas, a nova mania burguesa pelo futebol, no início do século XX, em Belo Horizonte, pode ter uma outra explicação mais humana e distinta do tão repetido desejo de modernidade, como nos aponta Sevcenko (1994, p. 35):

Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições. Todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases de coesão que substituíssem as comunidades e laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar,

essas pessoas se veem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.

Entretanto, segundo Pereira (1998), a expansão do capital e da tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente sul-americano, e que se concretizava na presença de trabalhadores especializados ingleses nestes países e na grande influência que a cultura bretã, seria uma das principais vias de um complexo processo de consolidação do futebol como conhecemos hoje. A outra via seria a experiência que os jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus nos quais iriam estudar.

Conclusões

A hipótese da dupla inserção do esporte bretão em terras brasileiras alteram a forma pela qual a historiografia do tema têm se debruçado. Conferir protagonismo aos jovens de família abastada, significou abafar a igual importância do surgimento do futebol operário, numa disputa hegemônica pela autoria do feito.

Como exemplo desse fenômeno do futebol operário, ocorrendo neste mesmo período, além do poderoso *Bilbao Athletic Club*, clube da primeira divisão espanhola, criado por ingleses em 1898, podemos evidenciar o *Bangu Athletic Club*, do Rio de Janeiro; e o *Villa Nova Athletic Club*, de Nova Lima/MG.

Desta forma, afirmar a gênese do futebol como um privilégio das elites no Brasil não se sustenta diante dessas diversas evidências que apontam para a presença de trabalhadores desde os primeiros anos de seu desenvolvimento no Brasil. Em Minas Gerais, a afirmação aristocrática do futebol como distintivo de classes foi apenas uma pretensão, uma história interessada construída pela imprensa. De fato, populares e elite sempre estiveram envolvidos nessa prática esportiva desde os primeiros anos.

Sendo assim, apenas no final da década de 1920, com o crescente movimento pela profissionalização do esporte, o modo de tratar o futebol como distintivo de classes vai sendo paulatinamente abandonada, mesmo com os relevantes focos de resistência e valorização do futebol amador.

De certo que a temática apresentada neste artigo deve ser objeto de análise e estudo mais aprofundado, pois pode revelar novos contornos a esta trama social. O futebol é a manifestação das práticas corporais mais incorporadas a cultura brasileira. Entender como

operou a formação deste esporte no nosso país, nos ajuda a pensar e entender um importante traço cultural nosso.

Referências

ANTUNES, Fátima Martin Ferreira. **O futebol nas fábricas**. Revista USP: Dossiê Futebol, São Paulo, n. 22, p. 102-109, 1994

BURKE, Peter. **A história social dos clubes**. Jornal Folha de S.Paulo, Caderno Mais, 24 fev. 2002, p.3.

CUNHA, Luciana Bicalho da. **As roupas esportivas em Revista na cidade de Belo Horizonte (1929-1950): moldes, recortes e costuras**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 190, 2011.

GAMBETA, Wilson (org.). **Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897–1918)**. São Paulo: Biblioteca Mário de Andrade & Ludens, 2014.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HOBBSAWM, Eric J; RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

KANITZ, Roberto Camargos Malcher. **Villa Nova Athletic Club: histórias do futebol operário em Minas Gerais (1908 - 1952)**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Lazer. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 172, 2017.

MASSARANI, Luisa; ABRUCIO, Marcos. **Bola no Pé - A Incrível História do Futebol**. São Paulo: Editora cortez, 2014.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto & NETO, Georgino Jorge de Souza. Victor Serpa e a “Mania do Foot-Ball”: O mito fundador do esporte bretão na cidade de belo horizonte/mg (1904-1905). **Revista Podium Sport, Leisure and Tourism Review**. Vol. 3, N. 1. Janeiro/Junho. 2014

MELO, Victor Andrade de. Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. *in*: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade (org.). **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 70-106

MILLS, John Robert. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p.380, 1998.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A Construção de Histórias do Futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. in: **Revista Tempo**. Vol. 17. N. 34. Dossiê: Uma história do esporte para um país esportivo, 2012.

SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**. São Paulo, n.22, p. 30-37, 1994.

SOARES, Carmen L. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2001.

VIGARELLO, G. O tempo do desporto. in: CORBIN, Alain. (org.). **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 2001. p.229-262.